

# PSICOLOGIA DO JOGO<sup>1</sup>

## PSYCHOLOGY OF THE GAME

Rodrigo Lima Nunes<sup>2</sup>

Tatiane da Silva Pires Felix<sup>3</sup>

A obra “*Psicologia do Jogo*” caracteriza-se enquanto um livro pensado e escrito por Daniil Borisovitch Elkonin (1904-1984), que em suas 447 páginas nos possibilita afirmar ser este estudo uma importante contribuição teórica que revela possibilidades de compreensão do jogo como atividade fundamental no desenvolvimento psicológico da criança, principalmente no que se refere ao período de aproximadamente 6/7 anos de idade.

Neste livro encontramos um estudo minucioso acerca do “jogo protagonizado” ou “jogo de papéis sociais”, uma vez que Elkonin visa explicitar e compreender o jogo desde sua gênese, incluindo os fundamentos e características que o constitui. Para pensar e discutir sobre esta temática, o autor aporta-se nos trabalhos realizados por LéV Seminovich Vigotski (1896-1934), sobretudo em seus estudos sobre a função da brincadeira para o desenvolvimento efetivo das crianças. Ressaltamos que Vigotski costuma discorrer em seus escritos sobre a necessidade de superarmos as visões naturalizantes e biologizantes de desenvolvimento humano, as quais permeavam estudos de autores contemporâneos à sua época e ainda se fazem presentes na atualidade.

Esclarecemos que o livro “*Psicologia do jogo*” estrutura-se através de seis capítulos que costumam as temáticas de jogo, ludicidade e infância a partir de uma visão histórica e crítica. Tais capítulos foram denominados: “O objeto das pesquisas é a forma da atividade lúdica das crianças”; “Acerca da origem histórica do jogo protagonizado”; “Teoria do jogo”; “Origem do jogo na ontogenia”; “O desenvolvimento do jogo na idade pré-escolar”; “O jogo e o desenvolvimento psíquico”. Explicitaremos a principal preocupação de Elkonin em cada um destes capítulos, através de uma síntese dos mesmos, no intuito de identificar a

---

<sup>1</sup> Resenha livre da obra ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da FCT-UNESP. E-mail: [ronunes29@gmail.com](mailto:ronunes29@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da FCT-UNESP. E-mail: [tatianefelix2@gmail.com](mailto:tatianefelix2@gmail.com)

essencialidade de sua obra, bem como os principais pontos trabalhados para a compreensão do processo de desenvolvimento da criança.

Ao iniciar a discussão no primeiro capítulo, Elkonin apresenta várias acepções acerca do vocábulo “jogo”. O autor busca explicitar a amplitude que este conceito carrega, tendo em vista que o conceito “jogo” é capaz de imprimir o significado de várias atividades, realizadas desde a infância até a vida adulta. Elkonin apresenta, portanto, um conceito que abarca a totalidade do processo de brincar, tanto por buscar um ponto de vista histórico acerca desta atividade, quanto por desejar alcançar uma verdade crítica acerca da mesma e define o jogo como “uma atividade em que se reconstroem, sem fins utilitários diretos, as relações sociais” (p. 19).

Neste primeiro capítulo há uma preocupação em dois aspectos essenciais para o entendimento das relações existentes entre o jogo e o processo de desenvolvimento infantil: o *papel* (papeis sociais, ou seja, as funções desempenhadas pelos indivíduos) e a *ação* (realizada na atividade do jogo). Neste ínterim, Elkonin realiza a análise da relação - jogo e desenvolvimento infantil -, através de uma unidade de análise fundamental da forma evoluída de jogo, unidade indivisa, que apresenta as propriedades do todo e que possibilita sua análise dialética.

Para o autor, esta unidade se constitui por meio da relação entre o papel e a ação, pois se encontra presente nesta relação, tanto a motivação afetiva que impulsiona os indivíduos à ação, quanto o próprio aspecto técnico/representativo da atividade lúdica. Por meio deste processo, Elkonin nos permite compreender a relação fulcral existente entre os papéis sociais exercidos pelos adultos e a reconstrução de tais papéis pelas ações das crianças na atividade do jogo.

São estas reflexões sobre o “jogo de papéis” / “jogo protagonizado” que possibilita ao Elkonin delinear seu segundo capítulo: “Acerca da origem histórica do jogo protagonizado”. Neste capítulo, o autor nos apresenta a gênese do jogo protagonizado por meio da discussão das relações entre o desenvolvimento histórico da humanidade e a forma mais evoluída de jogo. Desta forma, o autor defende o jogo como uma atividade que não se apresenta enquanto atitude natural entre as crianças, mas enquanto resultado de todo um processo histórico, de condições concretas de vida, considerando como ponto fundamental às formas de relações mantidas entre os adultos e as crianças, ao longo da história da humanidade. Para Elkonin, o jogo se desenvolveu em decorrência de acontecimentos e

processos históricos, como, por exemplo, o afastamento das crianças do mundo do trabalho adulto, dentre outras situações presentes na história da humanidade.

No terceiro capítulo (“Teoria do jogo”), Elkonin faz referência a vários autores que, segundo ele, apresentam concepções naturalizantes e biologizantes acerca dessa atividade e afirma a necessidade de superação de tais visões. Defende que esta superação será concretizada a partir de uma leitura crítica e dialética de tais teorias, buscando incorporar estas produções científicas e filosóficas e propor um avanço às suas limitações e em direção à construção de uma teoria que capaz de compreender a totalidade dos processos, fundamentos e características que envolvem todo o processo e relação existente entre a atividade do brincar e o desenvolvimento dos indivíduos.

Para tanto, Elkonin se apoia em estudos soviéticos acerca da temática do jogo no intuito de efetivar uma leitura histórica e concreta desse processo, na tentativa de avançar às teorias construídas até então. Toma como base, portanto, estudos realizados por Vigotski em relação ao jogo, apresentando algumas compreensões ainda que iniciais, porém muito originais, acerca da motivação, conteúdos, características, dentre outros aspectos essenciais que envolvem e se encontram presentes no processo entre o jogo e o desenvolvimento psicológico infantil.

Fechando a discussão do terceiro capítulo, Elkonin enfatiza que o caráter concreto das relações entre as diversas pessoas, representadas e reconstruídas pelas crianças durante a brincadeira, se apresenta enquanto conteúdo fundamental para o desvelar desta atividade, nunca perdendo de vista que, essas representações se realizam de inúmeras formas, dependendo do contexto o qual a criança as vivencia. De acordo com o autor “essas relações podem ser de cooperação, de ajuda mútua, de divisão de trabalho e de solicitude e atenção de uns com os outros; mas também podem ser relações de autoritarismo, até de despotismo, hostilidade, rudeza, etc.” (p. 80). O que efetiva sua afirmação de que a base do jogo se encontra nas condições de vida mantidas pelas crianças em sua vida na sociedade.

No quarto capítulo, Elkonin realiza uma discussão considerando os experimentos feitos por ele, juntamente com seus colaboradores, acerca da gênese do jogo protagonizado. Para tais experimentos, o autor busca levar em conta o desenvolvimento das crianças desde seus primeiros anos de vida, pois, defende que a evolução da brincadeira está intimamente relacionada com este processo de desenvolvimento. Afirma Elkonin que, para compreender o processo de desenvolvimento humano através da atividade do jogo, torna-se imprescindível observar e pensar o momento em que as crianças desenvolvem suas

“coordenações sensório-motoras fundamentais que oferecem a possibilidade de manipular e atuar com os objetos” (p. 207). Torna-se necessário esclarecer que para Elkonin, esta atividade de manipular objetos só se faz possível a partir das mediações mantidas pelos adultos, ou por outro indivíduo mais desenvolvido que a criança.

Sendo assim, a relação social mantida com os adultos, a partir da manipulação dos objetos na primeira infância, se caracteriza como atividade fundamental para a efetivação e evolução para o jogo protagonizado. Esta constatação reafirma a importância das relações sociais educativas mantidas entre as crianças e os adultos, pois quanto mais possibilidades de tais relações existirem, e quanto mais significativas estas se mostrarem, maiores serão as possibilidades de efetivação do desenvolvimento de suas funções superiores através da atividade principal (o jogo de papéis sociais). Portanto, Elkonin nos enfatiza que situações lúdicas, as brincadeiras, não são atividades inatas das crianças, mas são atividades construídas socialmente.

O quinto capítulo se apresenta como o mais denso de toda a obra, pois nele Elkonin busca demonstrar todas as características que configuram e constituem o jogo protagonizado, seus fundamentos e relações que estabelece entre as crianças em idade pré-escolar. Elkonin inicia este capítulo apresentando uma caracterização do desenvolvimento do jogo de acordo com a sua evolução e complexificação a partir das peculiaridades apresentadas por seus estudos. Além do mais, o autor visa explicitar que o que motiva as crianças a brincar está no próprio processo de ação do jogo e não no anseio de possíveis resultados que possam ser alcançados com a atividade.

Outro fato importante discutido por Elkonin diz respeito à evolução do jogo. Para ele existem cinco aspectos e o primeiro deles se encontra justamente no fato da criança assumir um papel social. O segundo aspecto é a representação/reconstrução dos papéis sociais assumidos. O terceiro aspecto refere-se ao fato de que o sentido do jogo muda para as diversas crianças e para as diferentes idades. Nesse sentido podemos pensar que para as crianças mais novas, o sentido da atividade pode ser encontrado no significado da ação daqueles indivíduos os quais estão interpretando e só posteriormente, este sentido se amplia para as relações sociais mais amplas. Para as crianças mais velhas, o sentido do jogo pode se apresentar nas relações mais essenciais e presentes no papel interpretado. O quarto aspecto do jogo é o fato de estarem intrínsecas a cada papel social as regras estabelecidas acerca desse papel e sua função dentro da sociedade. O quinto aspecto vem a ser o de que o jogo tem se mostrado

configurado, e para que ocorram as representações dos papéis sociais, torna-se necessário que as crianças passem por vivências reais e significativas em seu dia-a-dia.

No sexto e último capítulo, Elkonin salienta a importância da atividade de estudo e da utilização do jogo em âmbito escolar, sobretudo para a educação infantil. Isto porque, segundo o autor, é durante a realização do jogo que a criança pode ter possibilidades de realizar desejos que seriam inviáveis diante de suas condições e nível de desenvolvimento. Além disso, surge a necessidade de renunciar a desejos momentâneos, fazendo com que a criança necessite assumir um papel que a coloca no lugar do outro.

Elkonin nos possibilita compreender que o jogo contribui substancialmente para a “conduta arbitrada da criança”, ou seja, a determinado modelo utilizado pela criança, tanto no que se refere ao gesto/movimento relacionado com a representação do papel social, como também em relação ao comportamento/regras que envolvem tal papel. Cumpre-se, portanto, duas funções no jogo que contribuem sobremaneira para o desenvolvimento das crianças, pois, a mesma “por uma parte, interpreta o papel; e, por outra, verifica seu comportamento. A conduta arbitrada não se caracteriza apenas pela presença de um modelo, mas também pela comprovação da imitação do modelo” (p. 420).

Sendo assim, é possível afirmar que Elkonin nos possibilita, através de sua obra “*Psicologia do jogo*”, extrair contribuições significativas para a compreensão do jogo como uma atividade fundamental para o desenvolvimento qualitativo das crianças, principalmente daquelas que se encontram em idade pré-escolar. Além do mais, assimilamos que a partir da atividade do jogo, podem ser vivenciadas situações prático-teóricas essenciais e que contribuirão para o desenvolvimento do psiquismo e personalidade das crianças, desde a atividade inerente ao trabalho em grupo, ações que denotam independência/autonomia, desenvolvimento positivo e qualitativo do comportamento humano, investimento na sua autoconfiança, auto-estima, dentre outros aspectos necessários à sua vida cotidiana, além de possibilidades únicas de desenvolvimento de funções psicológicas essenciais ao processo de desenvolvimento da sua personalidade numa direção humano-genérica, humanizada.

Recebido em dezembro de 2012

Aprovado em fevereiro de 2013